

Escola de líderes

Entrevista Paulo Costa Dias, fotos Nuno Correia, Arsenal do Alfeite

O NRP (navio da República Portuguesa) Sagres é um navio emblemático para várias gerações de marinheiros e oficiais da Marinha Portuguesa e para muitos portugueses que o têm como última referência da saga portuguesa pelos mares do mundo. Mas o navio-escola Sagres é muito mais do que isso, como ficámos a saber pelo seu comandante, o Capitão-de-fragata Proença Mendes - ele próprio, nascido em Angola, um filho da epopeia lusa. O pretexto para a conversa foi o lançamento de uma edição numerada da marca suíça Fortis que homenageia todos os que passaram ou venham a passar por este belíssimo veleiro.

60

A função do Sagres, qual é?

Tem muitas funções. Primeiro, o treino dos futuros oficiais da Marinha Portuguesa, complementando os estudos da Escola Naval. Mas sendo o navio que é, tem um enorme apreço das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. O apoio à política externa do Estado é outra das suas funções. Exemplos recentes: na Cimeira Luso-Brasileira o primeiro-ministro de Portugal recebeu a bordo da Sagres o presidente do Brasil. É muito diferente de recebê-lo na embaixada, ou noutra local. Este ano, no Portuguese National Day das Nações Unidas, Portugal convidou todas as delegações da ONU para uma recepção a bordo da Sagres. Foi importante, porque Portugal está a candidatar-se a membro não-permanente do Conselho de Segurança, e orgulhamo-nos de participar nestas acções de charme. Também temos uma missão cultural, já que a nossa presença desperta interesse pela cultura de Portugal onde quer que estejamos. E enquanto embaixada itinerante de Portugal, também nos inserimos na nova estratégia de diplomacia económica que se tem vindo a desenvolver, dando possibilidade a empresas portuguesas de apresentarem os seus produtos ou serviços a bordo da Sagres. Outra coisa que está nas atribuições da Sagres é o intercâmbio entre marinhas amigas. Acolhemos frequentemente alunos de outras escolas navais.

Reparei que diz a Sagres e não o Sagres. Como é que é afinal?

Na realidade, trata-se de um navio, mas como veleiro a sua armação vélica é de barca. Daí que os que lidam com ela a tratam no feminino. Os ingleses tratam todos os navios por "she". Costumamos dizer que, tal como as mulheres, os navios e sobretudo os veleiros, têm vontade própria durante as manobras.





Um comandante da Sagres é muito mais que um exímio marinheiro. É também um líder, um professor, um amigo, um diplomata, ou um relações públicas. E é também uma excelente imagem de Portugal.

62

O comandante Proença Mendes ostenta o seu Fortis N.R.P. Sagres.

Com a capacidade tecnológica que hoje existe, continua a fazer sentido formar oficiais num veleiro? Até que ponto os actuais navios de guerra não estão projectados para tornejar qualquer eventualidade?

Devo dizer-lhe que até há 20 anos a vantagem destes navios era ser uma forma económica de formar oficiais. Nos navios 'Playstation', como lhes chamo, pensa-se que a linha mais curta entre dois pontos é a recta. Ignora-se o estado do mar, a meteorologia e sacrificam-se as guarnições (pessoal) e as plataformas (navios). Com um veleiro, demonstramos que podemos ir de A para B usando o mar e o tempo a nosso favor, não sacrificando a guarnição e a plataforma. De tal forma que as marinhas que abandonaram estes navios estão a recuperá-los e estão mesmo a construir-se novos.

Por outro lado, é uma escola de líderes. Trata-se de muito mais do que da questão da aprendizagem da meteorologia, das ondas ou das correntes e marés. Isto é fantástico para treino de liderança. Há muitas escolas de líderes que inventam exercíciuzinhos mas aqui toda a actividade pressupõe liderança, até o simples caçar de uma vela é uma tarefa que envolve muitas pessoas. Um navio destes permite ao cadete adquirir essas competências e permite-nos, a nós, avaliá-lo e ver a sua evolução. Porque formação sem avaliação não é formação.

O que resta da imagem do 'velho lobo do mar', tipo Capitão Haddock, usando aqueles termos vernáculos que habitualmente se atribuem aos marinheiros?

Os termos vernáculos acabaram. (sorriso) Felizmente, a Marinha já tem senhoras oficiais e cadetes e isso forçou a alteração dessa imagem e do comportamento a bordo. Os marinheiros começaram a vestir-se melhor, a ter mais cuidado com a linguagem e com a aparência.

Cada peça de um relógio tem de funcionar bem, tem de estar oleada, tem de encaixar na perfeição, para que o todo funcione. Também é assim com a Sagres?

Não pode ser de outra maneira. Este será dos navios com mais mão-de-obra. Há manobras em que utilizo 150 pessoas em simultâneo. Numa delas, tiramos as velas todas ao mesmo tempo. Demora um minuto a recolher uma vela e nesse minuto temos de recolhê-las todas, que são 23. Quando entro num porto quero mostrar as velas e vou até ao limite de segurança, porque as pessoas gostam de ver o navio assim. Levo a guarnição em postos de faina de mastros e, quando chega a altura, é um espectáculo ver 150 ou 160 pessoas a arrear velas. Como costume dizer, para que tudo corra bem são precisas 200 pessoas, mas para correr mal basta uma.

Não só a bordo. Uma postura descuidada em terra põe em causa o navio e o país. Estamos sempre a ser escrutinados.

Isso há-de criar um enorme sentido de equipa, de unidade. A edição deste relógio pretende comemorar e celebrar esse espírito. Consegue fazê-lo?

Este navio dá muito trabalho. Após cada missão temos de o descascar e renovar para ele estar a brilhar durante a missão seguinte. Por outro lado, vamos nele a sítios onde as pessoas 'normais' não vão. Este navio proporciona experiências de vida únicas a quem alguma vez o acompanhe. Fazemos missões longas, enfrentamos juntos tempestades e momentos de prazer, partilhamos muito das nossas vidas. Tudo isto num espaço limitado. Este trabalho todo e as possibilidades que o navio nos dá criam uma paixão por ele. Ainda este ano tive a bordo, nos EUA, antigos marinheiros da Sagres que voltam sempre que podem. Choram e revivem os seus tempos. Por isso, o comando deste navio há muito que o tem sempre aberto para estes camaradas e preocupa-se com eles, com os que estão ainda na Marinha, mas também com os que já saíram.

Ora, faltava-nos um objecto que simbolizasse essa relação com o navio. Depois de várias discussões, chegámos ao relógio como objecto ideal, pela fácil associação entre cada peça de um relógio e cada elemento deste navio. Se as 200 pessoas a bordo, num espaço tão exíguo e com tarefas tão exigentes, não funcionarem como um relógio, é uma confusão. Temos de ter mecanismos de funcionamento bem oleados, bem treinados e que funcionem. Mas digo muitas vezes aos elementos da guarnição: «Estás aqui, vais trabalhar muito, mas nunca te esqueças de tirar gozo desta passagem pela Sagres». Este relógio simboliza tudo isso.

E há ainda que ter em conta que o relógio está intimamente ligado aos navios e à navegação marítima. Foi a necessidade de um elevado rigor na medição do tempo para a determinação da posição através dos astros que levou a que surgissem vários incentivos para o desenvolvimento destas complexas máquinas. Nós na Marinha chamamos cronómetros aos relógios rigorosos que usamos na navegação astronómica.

Vocês são legítimos herdeiros daquilo que faz parte do nosso imaginário, a grande gesta marítima dos Descobrimientos. Qual é a importância do mar, hoje, para Portugal?

Toda. Portugal está a investir imenso na extensão da plataforma continental, porque é no mar que estão muitas das riquezas do presente, mas sobretudo as do futuro. Também o turismo de mar, as energias alternativas e as culturas marinhas são apostas de futuro.

Há ainda a questão estratégica, pois Portugal está num ponto charneira da passagem do Mediterrâneo e de África para o Norte da Europa. Além disso, temos os nossos arquipélagos. E não sabemos tudo isto de agora. Há 600 anos que sabemos qual o potencial do mar e a nossa posição em relação a ele.

Os portugueses mostraram-se ao mundo através do mar, através de veleiros. E somos naturalmente herdeiros dessa tradição. Transportamos a imagem do Infante D. Henrique como figura de proa e tentamos honrar esse passado, através deste navio espectacular, continuando a mostrar e a servir Portugal e a formar excelentes oficiais da Marinha.